

Percepções de licenciandos em Química sobre a formação acadêmica para a Educação Inclusiva de alunos com deficiência auditiva e visual

Gisa Aparecida Dacorégio^{1,2,3}(PG)*, Inaiara Casapula¹(IC), Camila Silveira da Silva^{1,2,3}(PQ)
*gisadacoregio@hotmail.com

¹UFPR – Depto. de Química²UFPR-PPGECM³-Bolsista Capes

Palavras-chave: Formação de Professores, Inclusão, Licenciatura em Química.

Introdução

A Formação Inicial de Professores de Química (FIPQ), na perspectiva da Educação Inclusiva, carece de reestruturação, para formar, preparar e conscientizar o futuro professor para trabalhar com a diferença. Por não serem licenciados, a maioria dos docentes formadores de professores, não possui formação para atuarem frente à orientação inclusiva¹. Diante da relevância da formação inicial com relação à Educação Inclusiva (EI) este trabalho buscou identificar e analisar as percepções dos licenciandos em Química sobre aspectos educacionais referentes à deficiência auditiva (DA) e visual (DV) em seu processo formativo.

Resultados e Discussão

O estudo de caso, realizado na perspectiva interpretativa, focalizou um pequeno grupo, buscando compreender o ponto de vista dos participantes sobre o tema². As categorias de análise foram construídas a *posteriori*, emergindo dos dados. Os sujeitos são 10 licenciandos de uma Universidade Federal, em ano de conclusão (2015), sendo 8 do curso diurno e 2 do noturno; selecionados porque já haviam cursado quase todas as disciplinas ofertadas. Questionário e entrevista semiestruturada validados foram utilizados como instrumentos para a construção dos dados. O questionário continha 6 questões abertas, algumas com subitens, a respeito das informações que os acadêmicos receberam sobre EI, com relação a DA e DV, nas disciplinas do Currículo. Houve a necessidade de entrevistar 6 desses graduandos para obter mais informações sobre o contato deles com o tema nas disciplinas citadas no questionário. Os entrevistados relataram que receberam tais informações durante o Curso em 5 disciplinas distintas, dentre 46, sendo 3 do Ensino de Química (EQ), 2 da Educação, além do Estágio. Dos relatos das aulas dessas disciplinas, foram criadas duas categorias com relação às práticas realizadas: atividades ativas e atividades passivas. As atividades ativas foram citadas por 3 acadêmicos, sobre duas disciplinas complementares, em que apenas aqueles que escolheram realizar um projeto de pesquisa sobre o tema se aprofundaram nas informações, reflexões e discussões sobre EI. Os outros entrevistados participaram de atividades

passivas, como assistir aula expositiva ou seminário sobre o tema, os quais abordavam DA ou deficiências no geral. A maioria demonstrou interesse em ter mais informações sobre as deficiências, metodologias e materiais didáticos. Houve a sugestão de direcionar um dos Estágios para a EI, estimulando reflexão sobre determinados preconceitos e promoção de estratégias e metodologias para realizar práticas inclusivas no EQ³ e favorecendo diferentes aprendizagens, devendo ser considerado pelos formadores de professores. Metade dos graduandos acredita não ser necessária uma nova disciplina no Currículo sobre o assunto, pois para eles o tema deveria ser contemplado e aprofundado nas disciplinas já ofertadas. Os cursos devem instigar a reflexão crítica sobre EI, estimulando a criação de atividades diferenciadas e a utilização de materiais didáticos adaptados para o EQ, assim como incentivar a elaboração de critérios avaliativos para a coleta de informações úteis com o intuito de planejar novas ações e aprimorar o atendimento à diversidade¹.

Conclusões

A FIPQ tem dado pouca atenção para a EI, com tratamento superficial sobre o tema, e em poucas disciplinas do curso de Licenciatura em Química. A falta de contato com a temática gera insegurança e despreparo para a prática pedagógica. Se tornam fundamentais a reformulação do Currículo dos cursos de Licenciatura e a inserção de novas práticas que possam facilitar a adequação das habilidades necessárias para lidar com os desafios dessa nova realidade⁴.

Agradecimentos

À CAPES pela Bolsa concedida e aos licenciandos.

¹BENITE, C.R.M. Formação do professor e docência em Química em rede social: estudos sobre inclusão escolar e o pensar comunicativo. 2011, 203f. Tese (Doutorado em Química)–UFG/UFU/UFMS, Goiânia. 2011./²FONSECA, J.J.S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002./³RETONDO, C.G., SILVA, G.M. Ressignificando a formação de professores de Química para educação especial e inclusiva: uma história de parcerias. *QNEsc*, n. 30, p. 27-33, 2008./⁴COSTA, A.F. *et al.* Formação de professores de Química na educação inclusiva: necessidade de aprender nova forma de ensinar. In: IX Congresso de Iniciação Científica do IFRN, 2013, Currais Novos. *Anais... Currais Novos*, 2013. p. 1849-1853.